

ARTEIROS DO COTIDIANO: QUANDO CORPOS HABITAM UM MUNDO LÍQUIDO

DHARA CARRARA¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – dharafernanda.nunes@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como intuito apresentar os resultados da 9ª edição realizada do projeto de extensão intitulado Arteiros do Cotidiano (BRANDÃO; CORRÊA; PETITOT, 2012), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Cláudia Mariza Mattos Brandão. Esse projeto visa a preparação dos acadêmicos em Artes Visuais – Licenciatura para as práticas de estágio, criando um espaço de ensino-aprendizagem que envolve teoria e prática, possibilitando a experimentação de metodologias e aproximando os acadêmicos da realidade escolar.

Antes do início das atividades, as duas turmas da disciplina de Artes Visuais na Educação III escolhem, cada uma, um tema a ser trabalhado com os alunos. Após essa escolha, foi combinado com o Colégio Estadual Felix da Cunha quais seriam as duas turmas de 5º ano envolvidas nas ações, para que fossem transmitidos aos acadêmicos os dados, como a média de faixa etária, laudos e número total de alunos, isto para auxiliar no planejamento de aula. Nesse ano foram escolhidos 2 (dois) temas que destacam importantes questões das Artes Visuais, da Educação e do mundo contemporâneo, ou seja, Corpo e Mundo Líquido.

Partindo do assunto Corpo, foi explorada a questão do movimento, da cor de pele, do sentido tátil, das inúmeras diferenças corporais, falta do sentido da visão e do autoconhecimento. Ou seja, por consequência também foram abordadas questões relativas à identidade, temática importante de se discutir e problematizar, principalmente nos dias atuais com os sujeitos inseridos numa sociedade globalizada e ficcional. Isso, com referência ao que diz respeito às mídias e redes sociais que compartilham e nos levam a reproduzir um padrão de comportamento que busque a vida e o corpo “perfeito”. Por isso a relevância de problematizar tais questões através da arte/educação e suas possibilidades de desmistificar e educar o olhar dos sujeitos, tornando-os mais sensíveis e críticos frente à visualidade contemporânea.

O tema Mundo Líquido também obteve ramificações de estudos, assim como a história dos prédios do bairro do Porto, em Pelotas, a partir do uso da fotografia e da análise dos seus *graffiti*; criação de máscaras com materiais velhos ou jogados no lixo; construção do instrumento indígena *Mbaraká*; além de práticas com arte-postal, colagem coletiva, composição coletiva em argila e pintura. As atividades abordaram os temas da efemeridade dos *graffiti*, do descarte e reciclagem de lixo (também na arte), da relação sujeito e natureza, da coletividade e da circulação excessiva de imagens nas redes sociais.

Para a elaboração dessas microaulas, foram estudados autores como Edgar Morin (2002) e John Dewey (1958) e, cada grupo (dupla ou trio) pesquisou o seu referencial complementar, de acordo com a sua proposta de aula.

O Arteiros é uma prévia do estágio, por isso, deve envolver, e envolve ensino, pesquisa e extensão.

2. METODOLOGIA

As ações são planejadas em acordo com uma metodologia qualitativa, cujos procedimentos compreendem: realização de entrevistas com a equipe diretiva e as professoras da disciplina de Artes envolvidas; observações em sala de aula; apresentação pelo bolsista dos resultados das entrevistas e observações para a turma de acadêmicos; análise das necessidades da turma; definição do tema que norteará as ações; planejamento das oficinas pelos acadêmicos; elaboração da identidade visual; realização das oficinas; avaliação do projeto junto às professoras das turmas; avaliação da equipe acadêmica sobre o impacto da proposta junto ao grupo de escolares; apresentação de exposição na escola; elaboração do material áudio visual; edição de um livro.

Em 2018, o projeto contou mais uma vez com a colaboração do Colégio Estadual Félix da Cunha, de Pelotas, dispondo duas turmas de 5º ano, uma composta por 20 (vinte) alunos e a outra por 16 (dezesesseis), ambas tendo a faixa etária variando entre 11 e 15 anos, sob a responsabilidade de duas turmas de acadêmicos - uma com 15 e a outra com 14 integrantes, que divididos em duplas/trio desenvolveram as atividades semanais com cada turma. Os encontros do projeto aconteceram nos dias 04/05, 11/05, 18/05, 08/06, 15/06, 29/06 e 10/07 de 2018, sendo na maioria realizados na sexta-feira e apenas o último dia na terça-feira.

Em cada uma dessas datas foram realizadas atividades simultâneas, em salas diferentes do Centro de Artes (UFPEL), conduzidas pelos acadêmicos, com duração de 90 minutos. Os encontros semanais tiveram em sua grande maioria metodologia expositivo-dialogada, com a realização de atividades práticas, realizadas no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (RS), sendo que a exposição final foi a única atividade que aconteceu na própria escola. Isso, pois a intenção foi a de dar visibilidade às produções/resultados, além da possibilidade de compartilhamento com a comunidade escolar e os pais.

Como já foi citado, o projeto iniciou com a escolha dos temas que norteariam as práticas. A partir de sua delimitação foi proposto o desenvolvimento da identidade visual da edição 2018, que depois foi utilizada para a confecção de *bottons* (Figura 1) posteriormente ofertados às crianças.



Figura 1: *Botton do Projeto*, criação Guilherme Sirtoli.

Todas as oficinas realizadas valorizaram a ideia do coletivo e das práticas como potência educacional, estimulando os alunos a sentir, agir, questionar e pensar ou até mesmo, repensar, estabelecendo também uma discussão da relação

do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o ambiente em que habita, a partir dos temas Corpo e Mundo Líquido.

A exposição final, realizada na escola exibiu para os alunos, pais e educadores os resultados obtidos por meio de uma mediação. Além disso, houve também uma mesa com “comes e bebes” oferecidos pelos acadêmicos e pelos alunos participantes, e a distribuição dos bottons.

Cabe ressaltar que todas as atividades foram registradas em vídeo e em fotografia. Esse material está sendo editado pela bolsista do projeto Dhara Carrara, e posteriormente será editado em DVD. Essa mídia comporá o volume 4 do livro “ARTEIROS DO COTIDIANO: Ensino, Pesquisa e Extensão na Formação Docente”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto iniciou com duas turmas de 5º anos, mas no decorrer, a escola extinguiu uma turma, trocando alguns alunos de sala e juntando os remanescentes das duas. Nesse sentido, destacamos que as atividades do Arteiros foram ainda mais relevantes para os alunos, pela coletividade que proporcionaram num momento tão necessário.

Consideramos que os objetivos da proposta foram plenamente atingidos, visto que produzimos um espaço de ensino-aprendizagem tanto para os escolares, quanto para os acadêmicos. Nele, identificamos a construção coletiva do conhecimento, corroborada pela socialização dos resultados com a comunidade, incluindo pais, educadores e escola. Assim, foi possível mostrar a relevância do projeto para todo o grupo, possibilitada pela aproximação entre Escola e Universidade.

É importante destacar a presença de uma estudante com laudo de baixa visão num dos grupos. Para nós foi notório o distanciamento dela dos demais no início. A partir de uma das atividades, a oficina de “fotografar vendado” (Figura 2), suas colegas afirmaram ter percebido a dificuldade que ela enfrenta por não enxergar e desde então, foi perceptível a diferença no tratamento e na qualidade dos relacionamentos. Com certeza, o Arteiros se constituiu como um espaço para reflexão acerca das diferenças.



Figura 2: Dhara Carrara, *Fotografando Vendado*, fotografia, 2018.

4. CONCLUSÕES

Em acordo com o acima exposto, acrescido do fato positivo relativo à participação da professora das atividades, se aproximando dos alunos e conhecendo novas práticas e técnicas, bem como a necessidade de expressividade e carência de contato, nos garante o sucesso da proposta. Sendo assim, concluímos que o Arteiros possibilitou, além da transmissão de conhecimentos em Artes Visuais, uma relação melhor dos estudantes entre si e para com a professora, e o encaminhamento de discussões em prol da formação cidadã.

Seguindo a premissa de que o processo educativo deve ser construído individual e coletivamente, estimulando o corpo, o pensar, questionar, brincar, dialogar, experimentar, se relacionar e problematizar valores, podemos concluir que o projeto foi positivo para todos que participaram, sendo fundamental a sua continuação. A cada ano que passa, desde a sua primeira edição, em 2010, o projeto de extensão Arteiros do Cotidiano tem possibilitado o desenvolvimento de diferentes propostas metodológicas, que provocam os sujeitos a explorar e questionar, conhecendo arte, o outro, o meio e a si mesmo.

Em síntese, o Arteiros se caracteriza como elemento instigador e provocador dos alunos, professores e nós, acadêmicos e futuros professores, privilegiando as Artes Visuais como palco para essa construção coletiva do conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, C.M.M; CORRÊA, A.R; PETITOT, J.S. **ARTEIROS DO COTIDIANO**. Anais do 30º Seminário de Extensão Universitária da Universidade Federal do Rio Grande (SEURS/FURG). Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DEWEY, J. **Como Pensamos**. Atualidades pedagógicas. Volume 2. São Paulo, Editora Nacional, 1979.

FONSECA, A.M; **Corporeidade na arte atual brasileira: sensibilidades desveladas**.

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e Historia da Arte da Universidade de São Paulo, 2012.

JOÃO, R.B. & BRITO, M. **Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo**. Revista Brasileira Educação. Física e Esporte. v.18, n.3, São Paulo, p.72-263, 2004.